

O QUE É QUE O EGIPTO E A TUNÍSIA TÊM A VER COM PORTUGAL?

20-Fev-2011

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira e Castro

Â

O
 â€œtunisamiâ€ da insurreiÃ§Ã£o democrÃ¡tica e pacÃ­fica que estÃ¡ a
 alastrar pelos paÃ­ses Ã¡rabes do Norte de Ãfrica e do MÃ©dio
 Oriente veio desconstruir a imagem estereotipada dos povos desses
 paÃ­ses como gente atrasada, constituÃ­da maioritariamente por
 muÃ§ulmanos fundamentalistas, ou por eles facilmente manipulÃ¡veis,
 que nos tem vindo a ser pintada, nas Ãºltimas duas dÃ©cadas, por
 dirigentes polÃ­ticos ocidentais, alguns comentadores encartados na
 comunicaÃ§Ã£o social e atÃ© por membros da hierarquia da Igreja
 catÃ³lica. Estou a referir-me, por exemplo, Ã s declaraÃ§Ãµes do
 cardeal patriarca de Lisboa no inÃ­cio de 2009, quando, numa
 tertÃºlia, aconselhou as mulheres catÃ³licas a terem muita cautela
 nas relaÃ§Ãµes amorosas e no casamento com muÃ§ulmanos, no que foi
 apoiado pelo cardeal JosÃ© Saraiva Martins; o facto de se estrebarem
 em casos reais mais facilmente os deveria levar a aconselhar o dobro
 do cuidado no casamento com homens catÃ³licos, jÃ¡ que,
 provavelmente, sÃ£o-lo-Ã£o a maioria dos assassinos das 43 mulheres
 vÃ­timas de violÃªncia domÃ©stica no ano passado, em Portugal.

O
 papÃ£o do fundamentalismo islÃ¡mico veio substituir o papÃ£o do
 comunismo no discurso dos governantes ocidentais de justificaÃ§Ã£o
 das relaÃ§Ãµes imperialistas, colonialistas e neocolonialistas com os
 povos Ã¡rabes. No entanto, a religiÃ£o - como esclarece o escritor
 libanÃªs Amin Maalouf, no seu livro â€œOrigensâ€ - apenas veio
 substituir o fracassado nacionalismo como elemento identifi-
 cador daqueles povos. Por regra, a religiÃ£o nÃ£o se escolhe, nasce-se com
 ela, tal como a nacionalidade e a famÃ­lia (o tripÃ© da naÃ§Ã£o â€“
 â€œDeus, PÃ¡tria, FamÃ­liaâ€ - que Salazar nÃ£o autorizava
 discutir), logo, Ã© um forte elemento de identificaÃ§Ã£o comunitÃ¡ria,
 fÃ¡cil substituto da cultura. Mas foram, os paÃ­ses ocidentais que
 deram forÃ§a aos fundamentalistas muÃ§ulmanos ao transformarem-nos em
 aliados na luta contra o comunismo, como quando financiaram os
 mujahedines no AfeganistÃ£o ou a ditadura de Suharto que massacrrou
 milhÃµes de comunistas indonÃ©sios e o povo inocente de Timor Leste.

Quem se revoltou na
 TunÃ­sia foram os jovens, desempregados com formaÃ§Ã£o secundÃ¡ria ou
 universitÃ¡ria ou com trabalhos precÃ¡rios, e uma classe mÃ©dia
 laicizada, que fizeram das redes sociais (na Internet) a sua
 principal forma de organizaÃ§Ã£o e comunicaÃ§Ã£o. Foi a circulaÃ§Ã£o
 pelas redes sociais de um vÃ­deo do acto desesperado de um jovem de
 26 anos, que se imolou pelo fogo, depois de lhe ter sido confiscado,
 por polÃ­cias corruptos, o carrinho de venda ambulante de fruta, com

que fugia ao desemprego apesar do curso secundário, que despoletou a Revolução de Jasmim, que, após a greve geral convocada pela União Geral dos Trabalhadores Tunisinos, e de sucessivas revoltas em várias cidades violentamente reprimidas (a Federação Internacional dos Direitos Humanos fala em mais de 20 mortos, mas há quem diga que foram mais de 70), haveria de levar à fuga do ditador Ben Ali.

Também no Egipto os protestos começaram contra o desemprego e a precariedade entre os mais jovens (70% da população tem menos de 30 anos), a corrupção, o aumento desenfreado dos preços que agravou a pobreza (quase metade da população de 80 milhões vive abaixo do limiar da pobreza) e a falta de liberdade. A classe alta pertence 25% da população e destes apenas 5% dominam o aparelho de poder, onde se gere a corrupção que mina o país.

A única diferença com a realidade portuguesa é que a nossa população está mais envelhecida e não temos um ditador há trinta anos, mas antes uma elite corrupta que se reparte por dois partidos que alternam (sem ofensa) no poder, e iguais como duas metades do mesmo zero como diria Guerra Junqueiro. Por algum motivo o PS votou ao lado do PSD (o CDS absteve-se) contra um voto de solidariedade com a luta do povo do Egipto pela democracia, apresentado pelo BE no Parlamento

O vice-presidente dos EUA, Joseph Biden disse que não chamaria ditador a Mubarak. Compreendo que tenha dificuldade em justificar o apoio militar que os EUA têm dado ao Egipto (1,3 mil milhões de dólares por ano, para além de 800 milhões de ajuda económica), o maior receptor, a seguir a Israel, da ajuda militar de Washington, que também tem apoiado a Tunísia, a Jordânia e a Colômbia. Tudo bons rapazes!

Também Tony Blair elogiou Mubarak como um grande patriota. Não admira, já que Mubarak e Ben Ali eram membros da Internacional Socialista de Blair e Sácrates e são agora, depois da revolta dos seus povos, que foram expulsos..

Quem não concorda com Blair são os egípcios que sofreram a repressão de Mubarak e Omar Suleiman (que o ditador nomeou seu vice-presidente, ex-chefe dos serviços secretos, apoiado pelos EUA ou não fosse conhecido como agente da CIA - é tido odiado como Mubarak pelos manifestantes que já exigiram a sua demissão). Os serviços secretos não devem ser estranhos à repressão que já provocou mais de 300 mortos e milhares das milícias não uniformizadas, não são na Praça da Libertação, no Cairo, como noutras cidades e vilas do interior.

Seja qual for o desfecho da revolta no Egipto, o fim da ditadura de Mubarak representa uma vitória histórica e um exemplo para todos os povos do mundo. Ficam-nos na memória as imagens da festa, da alegria e da vontade de mudança de um povo a subir para cima dos

tanques grafitados com palavras de ordem como "Revolução é investimento!" ou "Mubarak vai-te embora!", a lembrar o nosso 25 de Abril. Em Garden City, nos subúrbios do Cairo, manifestantes ofereciam laranjas aos soldados, a recordar-nos, também, a oferta aos militares de Abril dos cravos que haveriam de dar a alcunha à nossa Revolução de 1974.

Afinal,
o Egito e a Tunísia estão aqui tão perto!